

Mas também para a Igreja da Bahia houve resultados positivos: despertaram-se lideranças e ministérios; intensificou-se a evangelização; muitas congregações religiosas abriram casas lá; muitas localidades baianas conheceram padres catarinenses.

Contudo, o PII encontrou algumas dificuldades: o número limitado de padres voluntários; a manutenção financeira; a pouca consciência da missionariedade da Igreja; a grande extensão geográfica e a diversificação sociológica, cultural e pastoral da Bahia; a adaptação do voluntário à nova realidade e a sua integração, sempre exigente, na equipe de convivência.

#### A continuidade

Em 1990 encerramos o nosso compromisso com a Igreja da Bahia. Nossos últimos voluntários retornaram para SC em dezembro desse ano. O PII, no entanto, continua, embora com nova orientação e novo redimensionamento. É preciso, contudo, um pouco de tempo para se consolidar este novo modelo.

Mesmo encerrando a atuação missionária na Bahia, não queremos e não podemos perder a dimensão missionária da nossa pastoral. Por isso decidimos acompanhar o fluxo migratório do Sul do Brasil para o Centro-Oeste. Acompanhar a nossa gente que migra para o Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Acre.

Além disso, redefinimos as funções do Regional e das Dioceses. Agora a Diocese assume e acompanha os seus

missionários. Cabe ao Regional articular as Dioceses e ajudar na formação. Dentro deste novo esquema já temos algumas Dioceses: Tubarão, que assumiu Jardim (MS), onde, a partir deste ano, mantém dois padres; Joinville, que assumiu Miguel Calmon (BA), onde mantém um padre e dois agentes de pastoral; e Florianópolis, que continua mantendo um padre na Diocese da Barra (BA).

---

*Agora a Diocese assume e acompanha os seus missionários.*

---

#### Concluindo

O PII foi um desafio para a Igreja que está em SC. A Bahia mora hoje no coração dos catarinenses. Além da presença missionária temporária, várias Congregações religiosas com sede em SC abriram casas e permanecem na Bahia, sendo presença evangélica junto àquele povo.

O PII foi o único projeto missionário no Brasil, de Regional para Regional. Esta experiência nós sentimos que dá certo. E disso nos orgulhamos.

Resta hoje, para a Igreja de SC o desafio de não esmorecer e responder aos apelos do Documento 40 da CNBB e da encíclica "Redemptoris Missio" do Papa João Paulo II, dando generosamente do muito que recebemos.

Endereço do autor: Regional Sul IV da CNBB — Rua Des. Arno Hoeschel, 76 — 88010 — Florianópolis — SC.

---

## A FORMAÇÃO SACERDOTAL EM SANTA CATARINA

### 1ª parte: Os Seminários Menores Diocesanos

Pe. José Artulino Besen  
*Prof. de História da Igreja*

A fisionomia de uma Igreja está indissolavelmente ligada à fisionomia de seus Seminários. É neles que são formados os pastores que assumirão a tarefa de constituírem e presidirem Comunidades. O quadro de formadores-curriculo-disciplina-espiritualidade será o quadro que identificará a Igreja particular.

Santa Catarina é uma Igreja recente. A outrora Capitania e depois Província foi periférica na história nacional. Normalmente os grandes problemas da Igreja no Brasil Colônia e Império ecoavam pouco nas terras barrigas-verdes. Escassa população, praticamente reduzida ao litoral. Aqui não se fundaram Conventos das grandes Ordens Religiosas (Franciscanos, Carmelitas, Beneditinos, Capuchinhos), como nas outras capitais e cidades mais significativas. No século XVI tivemos algumas Missões dos Franciscanos espanhóis. Nos séculos XVI-XVII as Missões dos Jesuítas, destruídas sempre pela cobiça dos Bandeirantes paulistas. Isto não possibilitou a geração de uma Igreja com características estáveis.

No século XVIII chegam os Casais Açorianos, com alguns sacerdotes que, somados aos poucos que aqui mourejavam, formavam o Clero catarinense, dependente do distante Bispado do Rio de Janeiro. Paróquias pobres, pouco populosas.

Será no século XIX, com as grandes levas de imigrantes

européus, que começa a se delinear uma Igreja com características próprias e buscando se estruturar de um modo mais estável.

---

*Começa a se delinear uma Igreja com características próprias.*

---

O primeiro Seminário em terras catarinenses foi obra dos Padres Jesuítas, da Missão Espanhola, aportados no Desterro em 1844. Nesse ano abriram aqui o primeiro Colégio da Companhia Restaurada no Brasil. Em 1846 fixaram-se na Chácara do Mato Grosso, atualmente Praça Getúlio Vargas, e ali iniciaram um Internato.

No período de 1849-1853 abriram no intramuros do Colégio, chamado "dos Espanhóis", a primeira Casa de Formação própria da Companhia Restaurada no Brasil. Uma espécie de noviciado: Curso de Humanidades com Retórica e Curso de Filosofia, com duração de três anos. Pode-se afirmar que foi o primeiro curso superior da história catarinense.

A experiência malogrou devido a doenças endêmicas que dizimaram a comunidade: 3 Padres, 1 Escolástico e 1 Irmão vitimados pela febre amarela. Por falta de pessoal, a 16 de novembro de 1855 tiveram os Padres que retirar-se.

Outra experiência, esta de um Padre diocesano, foi



tentada em Blumenau. Pe. Alberto Maria Jakobs, Pároco, a 16 de janeiro de 1877, funda uma escola paroquial com o nome de "Colégio São Paulo". Em 1879 abre um Pensionato Interno para meninos com o desejo de seguirem a carreira sacerdotal. Seria a primeira tentativa de um Seminário Diocesano em terras catarinenses. A experiência não teve continuidade. Pe. Jakobs, exausto e doente, em princípio de 1892 retira-se para o Rio de Janeiro, falecendo em seguida, sem realizar o sonho de retornar à terra natal. Doou o "Colégio São Paulo" e todo o patrimônio aos Padres Franciscanos. Em 1897, com o nome de "Colégio Santo Antonio", serve exclusivamente de Seminário: os seminaristas da Ordem, vindos da Europa, eram transferidos para Blumenau. Uma atitude pastoral muito correta: antes de serem ordenados sacerdotes poderiam aprender a língua nacional e conhecer melhor os problemas do campo onde iriam atuar. A escola paroquial do Pe. Jakobs passa à congregação das Irmãs da Divina Providência, vindas a Blumenau para dirigi-la.

#### Os Seminários Diocesanos

O Pe. João Batista Klöcker, nascido em Stommeler, Alemanha, a 11 de junho de 1870, chega a São Ludgero em 1907 como Vigário Paroquial. Na Casa paroquial mesmo, com o apoio do Pároco Pe. Frederico Tombrock, acolhe meninos vocacionados aos quais ministra aulas de latim e de outras disciplinas. Por falta de recursos, no ano seguinte são enviados ao Rio Grande do Sul. Pe. Klöcker retorna à Alemanha em 1911.

#### *As missões de Münster e Turim enviavam ótimos e zelosos sacerdotes.*

Em 1908, cria-se o Bispado de Florianópolis. Para Dom João Becker, primeiro Bispo Diocesano, a solução era o povo "ter sacerdotes de sua índole e origem, para haver um atendimento conveniente". Solução provisória era importar clero. E isto era premente — e até conveniente — devido às correntes alemãs e italianas de imigração, encasteladas em suas culturas de origem, pouco levando em conta que sua Pátria era outra. As Missões de Münster e Turim enviavam ótimos e zelosos sacerdotes. Mas Dom João Becker não deseja que a situação perdure: "Que deve fazer o vosso Bispo atual, que teve de inaugurar e organizar esta Diocese? Fundar um seminário e ordenar sacerdotes! Oxalá o pudéssemos; é isso o nosso sonho dourado! A falta absoluta de recursos materiais e de pessoal docente ainda não nos permite a realização desta magnífica idéia" (Carta Pastoral sobre o Clero e sua Missão Moderna, de 17-02-1912, p. 24-25).

Devido à idêntica situação em que outras Dioceses se encontravam, os Bispos sul-brasileiros optaram provisoriamente pela centralização dos Seminários. Como a Província Eclesiástica de Porto Alegre, à qual pertencia Florianópolis, possuísse dois Seminários, um maior e outro menor, para lá são enviadas as vocações catarinenses. Em 1912 estudavam lá 11 seminaristas menores e 2 maiores.

Dom Joaquim Domingues de Oliveira (1914-1967) herdou a mesma situação. Não tinha, porém coragem de dar início a uma obra que exigiria grandes recursos humanos e financeiros. Preferiu recorrer ao Clero estrangeiro. E o socorro estava à mão: as Revoluções republicanas na

Espanha e Portugal deixaram um bom número de sacerdotes descontentes e incompatibilizados com o regime republicano. Quase uma dezena foi pressurosamente acolhida por Dom Joaquim. Padres que geralmente causaram problemas. A maioria seguiu caminho, indo parar na República Argentina, de lá se transferindo para o Chile e Uruguai.

Os Padres do Sul, capitaneados por Mons. Tombrock, querem que se funde um Seminário. Essa atitude revela como que uma conversão de Mons. Tombrock. Inicialmente nutria sérias dúvidas quanto a um elemento "nacional" ser Padre. Pensava que por razões históricas e climáticas (clima quente) os nacionais não seriam capazes de guardar convenientemente o celibato. Depois convenceu-se de que ao menos os descendentes dos imigrantes teriam esta capacidade. . .

Em janeiro de 1919 o grande Pároco de São Ludgero resolve abrir o Seminário em sua Paróquia. Como Dom Joaquim não apoiasse totalmente a iniciativa, pediu-se apenas sua "bênção", que não foi negada. Pe. José Sundrup se encarrega da obra, no Pentecostes chegando Pe. Huberto Ohters para ajudá-lo. Em março de 1919, a Casa abrigava 7 meninos. No ano seguinte, 14. Infelizmente, a falta de recursos, do apoio episcopal e de professorado, fez com que o Seminário abortasse em seu segundo ano de existência.

#### *Em janeiro de 1919 o grande Pároco de São Ludgero resolve abrir o Seminário em sua Paróquia.*

Diversos outros motivos contribuíram para o fechamento da Casa: falta de recursos financeiros, sim, mas o povo não deixaria ninguém passar privação. O grande motivo mesmo foi a aversão de Dom Joaquim: os Padres do Sul eram alemães, que não tinham ainda o afeto do Bispo; a obra era de cunho paroquial; — os Padres alemães, por sua vez, não nutriam muita simpatia por Dom Joaquim, que no decorrer da Grande Guerra deixara de apoiá-los contra o antigermanismo do populacho, especialmente em Joinville, Laguna e Florianópolis; e Dom Joaquim não era de tolerar iniciativas longe de seu controle pessoal.

Os Padres de São Ludgero, porém, não desistem. Sentem a urgência de se criar uma Casa de formação sacerdotal na Diocese. Os caminhos vão sendo abertos por meios nem sempre muito fraternos. O ano de 1919 marca o início do conflito aberto entre os Padres alemães e o Bispo Diocesano. Critica-se Dom Joaquim porque não dialoga, pelas posições antigermânicas de durante a Guerra, posições que prejudicaram duramente todo o trabalho escolar das Paróquias, porque não abre o Seminário, porque tem empregados que não participam da Missa dominical (sic), porque é português etc., etc. .

E as coisas vão caminhando. Em 1925 Dom Joaquim realizaria a Visita ad Limina. Os Padres alemães se encarregam de enviar queixas ao Vaticano, pedindo a remoção do Sr. Bispo. O próprio Pe. Sundrup lá se encontra, resumindo as queixas gerais. E por aqui espera-se que Dom Joaquim receba um cargo na Cúria e tudo estaria resolvido. Claro que o desfecho não foi assim. Parece que Dom Joaquim foi muito pressionado pela Cúria a abrir um Seminário. Mas achava a idéia impossível de ser concretizada



no momento. Contudo, logo ao retornar encarrega Pe. Ohters de recolher esmolas para a constituição do patrimônio do futuro Seminário. E, coincidência ou não, no mesmo ano em que Dom Joaquim é promovido a Arcebispo (1927), abre-se o Seminário Arquidiocesano!

---

*No mesmo ano em que Dom Joaquim é promovido a Arcebispo, abre-se o Seminário.*

---

#### O Seminário em Azambuja

A 11 de fevereiro de 1927, terminado o Retiro do Clero, é anunciada a fundação do Seminário Arquidiocesano. O Cura da Catedral, Pe. Jaime de Barros Câmara, catarinense de São José, é encarregado de entrar em contato com os Párocos que tivessem meninos vocacionados. Indica-se como local o Hospital de Azambuja. Reações: distante, Azambuja recorda os loucos ali internados. A comunidade brusquense reage, pois perderia boa parte de seu Hospital. Pe. Ludovico Coccolo oferece uma casa em Criciúma; colonos de Nova Veneza se oferecem para comprar terreno e casa; os Franciscanos de São José colocam o Convento à disposição.

O Pró-Vigário Geral, Frei Evaristo Schürmann OFM, esforça-se para deixar a obra na Capital. Ajeita-se, então, uma casa da família Aducci, à rua José Vieira, 2. Tudo improvisado: sem cama, sem escrivaninhas, sem luz, sem água, sem armários. . . A 4 de março os alunos vão chegando. Provisoriamente ficam na Casa Paroquial. A 8 de março mudam-se para a casa escolhida, ainda em reformas. São 15 meninos em meio a improvisos e apertos.

A 25 de março, festa da Anunciação do Senhor, Dom Joaquim erige oficialmente o Seminário Arquidiocesano Nossa Senhora de Lourdes.

Vê-se, porém, que não é possível continuar nas exíguas dependências onde os seminaristas foram alojados.

O Arcebispo resolve transferir o Seminário para onde pensara inicialmente, antes de ter consultado o Clero, que viera com mil idéias: o Seminário funcionará nas dependências do Hospital de Azambuja. A 7 de abril comunica a decisão. Na madrugada de 21 de abril, após uma viagem difícil, driblando uma comissão brusquense que planejava bloquear a chegada, lá estão os Seminaristas, acomodados numa Casa simultaneamente Hospital e Seminário.

A obra cresce rapidamente, acolhendo Seminaristas de todo o Estado.

Devido ao grande número de matrículas, a 20 de julho de 1942 lança-se a pedra fundamental do Pré-Seminário em São Ludgero. Dom Joaquim não perde tempo: no ano seguinte encaminha para lá 38 Seminaristas, acompanhados de seu Reitor, o Pe. Afonso Niehues, aluno da primeira turma de Azambuja. Novamente os improvisos: a casa estava pelo reboco, sem pias, sem forno de pão, sem instalações, em resumo, em construção. Dom Joaquim parecia crer que um Decreto sanasse todos os problemas.

Com a criação do Bispado de Tubarão, em 1955, Florianópolis perde seu Pré-Seminário, o Seminário Mínimo Dom Joaquim, de São Ludgero.

---

*Com a criação do Bispado de Tubarão, Florianópolis perde seu Pré-Seminário.*

---

Azambuja estava com a capacidade lotada. Necessitava-se de outro Seminário para os estudos preliminares. Primeiro pensa-se em Canelinha, em 1957. Depois adquire-se ótimo terreno em Biguaçu. No entretanto surge a solução: o Governo do Estado terminara a construção de um prédio que serviria como extensão do Abrigo de Menores de Florianópolis. Pronta a obra, os Irmãos Maristas não concordaram com a idéia e o imóvel ficou sem destinação. Côn. Rodolfo Machado vai ao Arcebispo sugerir-lhe o aproveitamento. O Governo concorda, firmando um contrato de usufruto por 30 anos. Nasce assim, em 1959, o Educandário Nossa Senhora de Fátima, em Antônio Carlos. Fundador, organizador e reitor, por quase 12 anos, foi o Pe. Vito Schlickmann. Em 1972 encerra suas portas como Seminário, sendo transformado em Colégio Público.

#### Os Seminários Diocesanos Catarinenses

Em 1927 constitui-se a Província Eclesiástica de Santa Catarina. Florianópolis é elevada a Arcebispado, tendo Lages e Joinville como sufragâneas. Provisoriamente os novos Seminaristas destas Dioceses continuam a estudar em Azambuja.

Joinville foi a Diocese que mais tentou experiências alternativas no tocante à formação sacerdotal.

O primeiro Seminário da Diocese de Dom Pio Freitas CM foi obra de dois pioneiros: Pe. Bernardo Fuchter e Mons. Sebastião Scarzello. Localizou-se o Pré-Seminário no Morro dos Monos, atual Município de Barra Velha. Foi inaugurado oficialmente em 1937, com o nome de "Colégio Agrícola São Vicente de Paulo". Por doenças, falta de recursos humanos e financeiros, foi fechado em 1940.

---

*Joinville foi a Diocese que mais tentou experiências alternativas.*

---

Em setembro de 1945 nova iniciativa, o "Seminário Diocesano Nossa Senhora da Salette", no então Ribeirão Grande, hoje Salette. Funcionou ali até 1960, quando Dom Gregório Warmeling inaugura o novo "Seminário Diocesano Nossa Senhora de Fátima", em Taió. Como já se aventava a criação do Bispado de Rio do Sul, no qual se incluiria Taió, pensou-se logo num novo Seminário, inicialmente concebido nos moldes de um Pré-Seminário. A pedra fundamental foi lançada a 24 de junho de 1962. Localizado em Bateias de Baixo, Campo Alegre, recebeu o nome de "Seminário Nossa Senhora de Lourdes". A inauguração deu-se a 13 de fevereiro de 1966. Devido à distância, muito no interior, crise vocacional, possibilidade de novas experiências na formação sacerdotal, foi fechado em 1970.

Simultaneamente funcionou em Joinville, numa experiência por aqui inédita, o "Pensionato São João Vianney", que abrigava seminaristas estudando em Colégios Públicos e trabalhando por meio expediente. A experiência durou de 1967 a 1970.

Em dezembro de 1973 o Pe. Vertolino José Silveira abre na Paróquia Nossa Senhora da Glória, em Blumenau, a "Casa da Fraternidade", acolhendo 4 jovens dispostos a assumir a vida sacerdotal. Em 1974 a Casa da Fraternidade foi transformada em "Seminário São José", em prédio próprio da Paróquia. Esta experiência foi o caminho para o atual "Seminário Divino Espírito Santo", inaugurado na cidade de Joinville em 1978.



O Bispo de Lages, Dom Daniel Hostin OFM, em 1944 abre o Pré-Seminário "São Norberto", em Bom Retiro.

Três anos depois, em 1947, a sede foi transferida para Lages, permanecendo Pré-Seminário. A conclusão dos estudos secundários dar-se-á em Azambuja.

O Seminário Diocesano propriamente dito foi inaugurado em 1950, em Lages, primeiramente com o nome "Frei Rogério", tendo mudado o nome para "Instituto São João Batista Vianney" em 1953.

Em 1954 a Diocese de Lages funda o "Pré-Seminário Santo Isidoro", em Peritiba, que depois passará à Diocese de Joaçaba, em 1975.

A Diocese de Tubarão recebe de Florianópolis o "Seminário Mínimo Dom Joaquim", em 1956. O Primeiro Bispo Diocesano, Dom Anselmo Pietrulla OFM, inaugura o "Seminário Menor Nossa Senhora de Fátima" na cidade de Tubarão, em 1957. Paralelamente continua a funcionar o Pré-Seminário de São Ludgero, até 1972.

Na Diocese de Chapecó Dom José Thurler lança a pedra fundamental do "Seminário Menor de Chapecó" a 15 de agosto de 1959. Enquanto prosseguem as obras da construção, o Seminário Menor tem início em Lindóia, num colégio abandonado, em 1961. Dois anos depois passa a funcionar definitivamente o Seminário Diocesano, na cidade de Chapecó.

Dom Tito Buss, Primeiro Bispo de Rio do Sul, em 1969 recebe no patrimônio da nova Diocese o "Instituto Nossa Senhora de Fátima", em Taió. Em 1982 a Diocese faz uma experiência alternativa para a formação sacerdotal: ligados ao Seminário, os Seminaristas permanecem em suas cidades, periodicamente se reunindo em Taió para receberem maior formação espiritual e humana.

Criada no mesmo ano que Rio do Sul, a Diocese de Caçador abre oficialmente seu Seminário Menor quase 10 anos depois, em 1978, com Dom Oneres Marchiori.

A Diocese de Joaçaba (1975), recebe em seu patrimônio o Pré-Seminário Santo Isidoro, em Peritiba, aberto em 1954. Dom Henrique Müller, OFM, em 1975 transformou-o em Seminário Diocesano. Devido à sua localização, distante da sede diocesana, em 1982 foi transferido para a cidade de Joaçaba.

#### Observações finais

Talvez nenhum período da História da Igreja foi tão fértil na reflexão teológica sobre o sacerdócio nem tão complexo no encaminhamento da formação sacerdotal. No curto espaço de alguns decênios, a Eclesiologia conheceu tal riqueza de reflexão que todas as soluções tidas como tranquilas e permanentes foram sendo torpedeadas por novas formas de formação sacerdotal.

No caso da Igreja em Santa Catarina, cronologicamente situando-se no séc. XX, o primeiro período vai até 1950, quando Pio XII publicou a Exortação Apostólica "*Menti Nostrae*", revolucionária para seu tempo. Exigiu toda uma readaptação da vida seminarística. Mas ainda se colocava numa visão de Igreja "Sociedade Perfeita", fechada em si mesma e considerando-se inexpugnável frente aos ataques da civilização moderna. Os Padres eram formados para a vida interna da Igreja. Necessitava-se de uma sólida formação intelectual e espiritual e de uma prática pastoral que mais consistia no saber levar adiante as soluções pasto-

rais já testadas por tantos anos. Apesar de já se estar vivendo os grandes tempos da Ação Católica, a vida pastoral se identificava com a prática sacramental.

No meio desta calmaria de soluções que "davam certo", em 1962 tem início o Concílio Ecumênico Vaticano II, com a ênfase na Eclesiologia do Povo de Deus. Povo peregrino que marcha pela História, fazendo suas alegrias e as tristezas do mundo presente. As sementes lançadas já no final do século XIX, objetivando a reforma litúrgica, dos estudos bíblicos, produzem aqui seus frutos. Os Decretos sobre o Ministério e a Vida dos Presbíteros (*Presbyterorum Ordinis*) e sobre a Formação Sacerdotal (*Optatum Totius*), ambos de 1965, sinalizam uma nova direção. A *Optatum Totius* é iniciada com uma frase programa: "A desejada renovação de toda a Igreja depende em grande parte do ministério dos sacerdotes". Numa Igreja ministerial, a serviço do mundo, um sacerdócio ministerial a serviço do mundo. E mais: se todo o Povo de Deus é ministerial, o sacerdote não é mais aquele que engloba todos os serviços, e sim, aquele que coordena todos os ministérios e carismas suscitados pelo Espírito.

---

#### *A desejada renovação de toda a Igreja depende em grande parte do ministério dos sacerdotes.*

---

Tem início, assim o belo e doloroso período de adaptação dos Seminários, com as muitas experiências, no sentido propriamente técnico do termo: urgia experimentar, mesmo no risco de experiências malsucedidas. Faltava experiência e, principalmente, faltavam formadores. Do outro lado da corrente, a grande crise da vida sacerdotal, a busca da identidade do novo Presbítero. Dezenas, centenas, milhares de sacerdotes abandonam o exercício do ministério. Fase de crise e, por que não?, de desalento. Não faltaram formadores inseguros sobre seu próprio ministério, transmitindo aos vocacionados um certo medo, desânimo. Se havia dificuldade de pedagogia, havia dificuldade maior ainda de encontrar uma espiritualidade para o Clero diocesano.

Algumas Dioceses sentiram mais que outras o problema. Mas sem dúvida, nenhuma se acovardou perante o desafio.

Não foi só o Concílio que trouxe todo este novo desafio. Em 1968 temos a Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín, quando Paulo VI insiste em que a Igreja não pode estar ausente dos problemas do povo num Continente em estado de pobreza. Um novo desafio pastoral, agora mais concreto: como a pastoral deve-se formular num Continente de pobres, sem liberdades políticas, explorado pelo capital internacional e pelo neoliberalismo? Vemos os frutos da inserção da Igreja nos meios populares, na militância política em favor da democracia e da distribuição da renda. Nasce um novo modo de ser Igreja, a Comunidade Eclesial de Base. E, em 1979, na Conferência Geral em Puebla, a opção preferencial pelos pobres, pelos jovens e pela família.

Tamanha riqueza de reflexão teológica e pastoral trouxe novos desafios para a formação sacerdotal, desafios ainda não satisfatoriamente respondidos. (Tocaremos neste tema na segunda parte deste artigo, quando trataremos dos Seminários Maiores). Seminários de História mais recente en-



contram mais dificuldades em ser encaminhados. É um tempo muito próximo de nós — até vivido por nós — para que tenhamos a possibilidade de criar distância e avaliar.

*Tamanho riqueza de reflexão teológica e pastoral trouxe novos desafios para a formação sacerdotal.*

Uma observação: sem dúvida, o Seminário de Azambuja, situado na Arquidiocese de Florianópolis, foi o modelo de todos os Seminários catarinenses até o Concílio. Isto porque, na prática, quase todos os formadores dos outros Seminários diocesanos o tinham freqüentado. Lages, Join-

ville e Tubarão mandavam seus vocacionados para Azambuja. E a linha de formação ali desenvolvida era muito clara: disciplina interior e exterior, rigor na formação intelectual clássica, espiritualidade fundamentada na obediência à Igreja. Uma herança do primeiro Reitor, o Pe. Jaime de Barros Câmara, futuro Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, herança tributária da formação jesuítica.

Se a História não pára, se nos coloca sempre novos desafios, também a formação não pode parar: todo caminho é provisório, restando perene e segura a presença do Resuscitado, Cristo-Pastor, modelo do sacerdote.

Endereço do autor: Casa Paroquial de Saço dos Limões — Rua João Mota Espezim s/n: — 88045 — FLORIANÓPOLIS, SC

## A VIDA RELIGIOSA EM SANTA CATARINA

### Subsídios para a compreensão do seu processo histórico pós-conciliar

Ir. Teresinha Milanez DP  
Prof. de Escritos Paulinos

#### 1. O processo pós-conciliar na Igreja universal

A Vida Religiosa (VR), que nasce profético-carismática como resposta crítica a uma Igreja com sintomas de perda de identidade, experimentou, nas décadas anteriores ao Concílio Vaticano II, um processo de relativa estagnação, de inadequação às perguntas reais que a história lhe fazia. Nessa mesma época pré-conciliar verifica-se, aqui e ali, uma crise que aos poucos se faz mais aguda, em relação a essa situação estática da VR. Acontece então, no Concílio, o inverso dos papéis: ao invés de a VR questionar a Igreja-Instituição, como o fizeram Francisco e Clara, Vicente de Paulo e Luíza de Marillac etc., agora é a Igreja-Instituição que questiona, convoca os Institutos Religiosos a uma renovação. Renovação que devia estender-se em três dimensões: a institucional, a teológico-bíblico-espiritual, e a da própria prática dos Institutos. A base de tudo devia ser uma volta às fontes: a fonte do Evangelho e a do Carisma fundacional; também uma abertura aos movimentos renovadores da Igreja nos diversos campos: bíblico-litúrgico-ecumênico-missionário etc.; e uma abertura ainda sempre maior e mais comprometida com os sinais dos tempos, levando a uma grande renovação espiritual.

*O Concílio foi um choque para a VR, como, aliás, para toda a Igreja.*

O Concílio foi um choque para a VR, como, aliás, para toda a Igreja. A reviravolta dos Padres Conciliares, deslocando o conceito de Igreja-Sociedade para o de Igreja Povo-de-Deus, trouxe imediata repercussão na VR. Essa mudança gerou crise, mas lançou a VR. Houve com isso o que poderíamos chamar de eclesialização da VR, verificada especialmente na articulação dos Religiosos com a Igreja local. Isto muda toda a dimensão apostólica da VR. Essa mudança traz em si a renovação das tarefas da missão, do lugar apostólico, de uma nova tipologia de comunidade e, como mais importante, uma espiritualidade que responda aos novos apelos, uma espiritualidade apostólica encarnada. Essa mudança gera conflitos: o mito do antigo, que

é "sempre melhor" que o novo (cf. Lc 5,39!), persegue a VR em seu caminhar. . .

#### 2. O processo pós-conciliar da VR na América Latina

A Conferência de Medellín acontece logo após o Vaticano II. É a concretização e ao mesmo tempo um passo em frente na nova direção. O documento de Medellín n.º 12,3s convoca os religiosos a se encarnarem no mundo real da AL, participando da vida do povo. Pede também que os religiosos aprofundem teologicamente sua própria identidade, que encontrem os caminhos de uma espiritualidade verdadeiramente apostólica; e que tomem consciência dos graves problemas sociais da AL. Que repercussão teve isto nos Institutos religiosos? Que repercussão teve isto na VR em Santa Catarina? — Uma grande repercussão, porque agora o Concílio começava a soprar com fortes ventos também em nosso espaço.

Mais de duas décadas se passaram de Medellín até hoje. Como foi a caminhada até aqui? Que respostas foram dadas a Medellín? Que respostas foram dadas a Puebla, já uma década atrás? Qual a fisionomia da VR em Santa Catarina?

#### 3. O processo pós-conciliar da VR em Santa Catarina

Seria impossível traçar os contornos de um perfil muito caracterizado, pois os passos e as reações foram diversas, não se podendo enquadrar todos os Religiosos num mesmo passo. A VR em Santa Catarina, longe de ser um bloco monolítico, compreende diversas formas e tendências. Mesmo se analisarmos os Institutos aqui fundados, não estão todos "inculturados" da mesma forma. Sua posição hoje na Igreja não depende tanto de ser ou não fundado aqui, mas sim de responder, ou não, aos apelos que aqui se fazem.

Podemos, porém, elencar tendências da VR em Santa Catarina, para sermos fiéis à expressão utilizada pela própria CRB. Simplificá-la em duas ou três tendências é um risco, pois corre-se o perigo de empobrecê-la. A realidade é muito mais rica e complexa. Apenas faremos uma descrição sucinta das tendências que melhor se delineiam.